

### 3-

## As Vozes do Campo

### 3.1-

#### Metodologia

*Deus falou: 'Não te aproximes! Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é uma terra santa' (Ex 3, 5).* Embora essa literatura seja um signo judaico-cristão, o que em verdade não impede sua presença nas tradições afro-brasileiras (Sanchis, 2001), ela nos suscitou uma reflexão que orientou nossa pesquisa. O sagrado se distancia do profano por ser alheio a esse. O sagrado da umbanda, presente na figura do preto-velho, alheio a nós, é terra alheia e santa. Portanto, devemos tirar as sandálias para não entrarmos, levando conosco a poeira de nossas caminhadas. Para encontrarmos o outro e o sagrado do outro, precisamos nos despojar de nosso olhar prévio e buscar, no olhar do outro, a sua realidade como ele a vê.

Destarte, acreditamos que a fenomenologia seja o melhor referencial metodológico para a nossa pesquisa, sendo essa, como sugere Augras, *o único meio que assegura o respeito aos valores alheios e a humildade ao retratá-los* (1995, p.50). A autora assinala que a fenomenologia destaca em sua prática três aspectos: acontecimento, convivência e testemunho. O pesquisador assume a historicidade, tradição; enfim, participa da realidade do outro. Desse modo, é privilegiado o encontro e rechaçada a pretensão interpretativa. A construção do saber é conjunta a partir do diálogo, da troca entre iguais: o outro passa de objeto a sujeito do conhecimento (*idem*).

Nossa pesquisa se constituiu de dois momentos. No primeiro, realizamos uma breve revisão histórica dos estudos produzidos no Brasil sobre as religiões afro-brasileiras, nesse último século. Fizemos recortes no sentido de apresentar as diferentes e principais categorias de explicação dessa temática atentos, sobretudo, às páginas dedicadas à umbanda, que foi nosso campo de pesquisa. O segundo se marcou pela nossa entrada no campo: estivemos em uma dezena de casas de umbanda e candomblés com atividades de umbanda, onde sabíamos da presença dos pretos-velhos. Este, por motivo óbvio, era o único critério que tínhamos a priori: que a casa tivesse culto aos pretos-velhos. Essas casas,

comunidades-terreiros, foram escolhidas circunstancialmente. Nós, que já tínhamos um movimento entre grupos religiosos e culturais afro-brasileiros, seguíamos indicações, por vezes, tão vagas que não achávamos os endereços. Inicialmente, acompanhamos três casas: a primeira, localizada em Ramos, tratava-se de uma congregação espiritualista de inspiração oriental, que não pudemos dar continuidade pela dificuldade que estávamos encontrando em coletar dados; a segunda ficava em Anchieta; ambas, subúrbios da Zona Norte do Rio de Janeiro. Essa era um candomblé com atividades de umbanda. Acompanhamos ali alguns ritos e coletamos alguns dados, porém nossas idas foram interrompidas por longa reforma que iria passar a casa. A terceira casa, localizada no Rio Comprido, subúrbio na Zona Central da mesma cidade, foi onde realmente desenvolvemos maior parte de nossa pesquisa.

A coleta de dados se deu em forma de entrevistas semi-estruturadas, observações gerais do campo, uma vez que estávamos numa postura participativa, e registros fotográficos. Esses últimos só a caráter ilustrativo (ver anexo). Realizamos um total de dez entrevistas, embora apareçam, no texto, falas de apenas seis sujeitos, já que excluímos aquelas que se repetiam. Esclarecemos que, quanto às entrevistas e as observações participativas, não fizemos uma distinção específica ao apresentar os resultados. Assim sendo, as observações de campo foram incorporadas ao texto sem mais referências, enquanto o material das entrevistas é apresentado em recortes das falas *ipsis litteris*. Ainda queremos esclarecer que optamos por coincidir a apresentação dos resultados da pesquisa e a discussão desses, isto é, apresentaremos nossos achados acompanhados de nosso diálogo com os autores.

A nossa atenção em campo recaiu sobre três aspectos. Primeiro: marcar uma identidade dos pretos-velhos, na verdade, uma caracterização de quais elementos os individualizam (nome, história, atribuições, desdobramentos); segundo: localizar o papel religioso que os pretos-velhos estão desenvolvendo no campo das religiões afro-brasileiras e terceiro: que tipo de relação se estabelece entre os pretos-velhos e os crentes.

Assim, partimos de uma postura fenomenológica, aventurando-nos por técnicas de inserção no campo e coleta de dados das Ciências Sociais, tendo como objetivo realizar um estudo exploratório sobre os pretos-velhos, sobretudo, circunscrito ao campo umbandista, e

assinalar elementos que compõem a identidade social dessas personagens e como isso, na dinâmica religiosa, repercute na construção da subjetividade dos crentes.

### 3.2-

#### **Adorei as Almas: etnografia de uma gira de pretos-velhos.**

Dentre os diversos contatos que realizamos com casas de umbanda, escolhemos uma casa situada no Rio Comprido, bairro da Zona Central do Rio de Janeiro, para focalizar a nossa pesquisa. Essa casa dedicada ao preto-velho Pai Cipriano das Almas é liderada por um pai-de-santo jovem e conta com mais de três dezenas de filhos-de-santo. O pai-de-santo foi “nascido e criado” na umbanda, sendo que o legado dessa religião é herança de seu avô materno. Contudo, iniciou-se também no candomblé de tradição nagô (ketu); o que resultou numa apropriação em sua casa de umbanda de alguns ritos, hierarquia e outros signos dessa outra tradição. Ele classifica a umbanda que pratica como “africanizada”.

Chegamos à casa por intermédio de um conhecido comum, que nos apresentou o pai-de-santo num momento fora das atividades rituais. Esse nos recebeu com grande simpatia, numa acolhida familiar. Conversamos, então, sobre a possibilidade de estarmos realizando a nossa pesquisa junto à sua casa. Ele se colocou ao nosso inteiro dispor. Dias depois, estávamos fazendo nossa primeira visita, visando à pesquisa. A essa se sucederam muitas outras. Estivemos em algumas “giras”, que lá acontecem quinzenalmente, e em outros horários marcados fora dessas, quando pudemos fazer, com mais folga de tempo, algumas entrevistas, cujos resultados apresentaremos no tópico seguinte.

A seguir, passamos a fazer a descrição etnográfica de uma “gira” de pretos-velhos<sup>1</sup> de que, em forma de observação participativa, fizemos registros de áudio e imagem (fotografias).

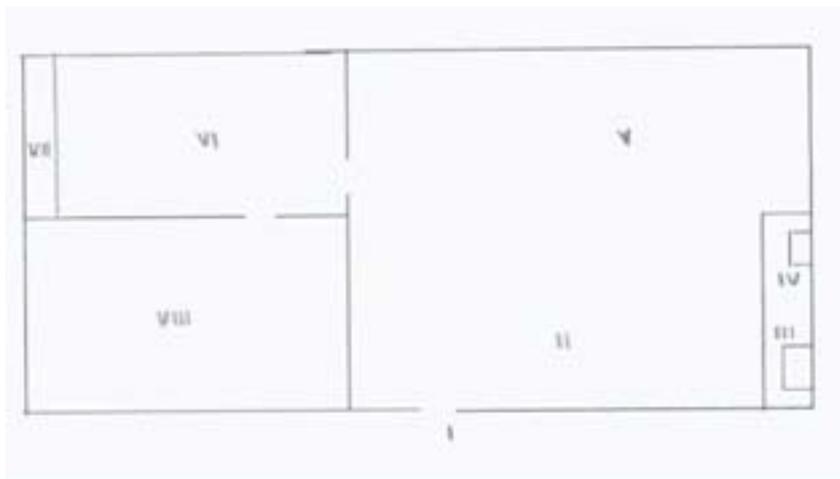
Chegamos ao terreiro pouco antes das 16h, hora prevista para o início da sessão. O pai-de-santo, todo vestido de branco, calça e *abadá*, encontrava-se no barracão sentado em sua cadeira e no chão estavam sentados seus filhos-de-santo. As mulheres, em número de dez, estavam sentadas à sua esquerda; trajavam longas saias coloridas e batas brancas,

---

<sup>1</sup> Comumente as “giras” destinam-se a todas as entidades do panteão umbandista que a casa cultua, começadas com caboclo, seguem boiadeiros, pretos-velhos e por fim exus.

traziam amarrados à cabeça *ojás* igualmente brancos. À direita, cinco homens vestidos de calças brancas; três deles usavam *abadás* brancos e dois, coloridos. Composto o vestuário, todos usavam os fios-de-conta de seus orixás e guias, e as mulheres ainda se enfeitavam com pulseiras, anéis e brincos. Todos estavam descalços, inclusive o pai-de-santo. Também se encontravam a postos, nos atabaques, dois ogãs e uma equédi que, por sua maestria nos toques, costuma ocupar também essa função. Em silêncio, concentravam-se e esperavam que os últimos se arrumassem para o ritual.

O espaço do terreiro, limpo e arrumado com zelo, contava com velas e oferendas que pudemos observar na casinha dos “exus” e na casinha das “almas”, conforme a figura abaixo. Assinalamos, em algarismo romanos, as divisões do ambiente: I - portão de entrada do terreiro; II - espaço aberto e livre; III - casinha de “exu”; IV - casinha das “almas”; V - espaço onde ficam dispostas cadeiras para a assistência; VI - o barracão onde ocorrem as “giras”; VII - o “conga”; VIII - residência do pai-de-santo, usada pela comunidade para banho, troca de roupas etc.



Na assistência, no momento de chegada, havia 23 pessoas, sendo 16 delas crianças, quatro mulheres e três homens.

Logo que chegamos, o pai-de-santo convidou-me a tomar assento a seu lado. Conversamos amenidades. Comentou que precisava aumentar a casa, a qual já estava pequena para a quantidade de filhos, que somam 32<sup>2</sup>. Explicou ainda que aquela *gira* seria somente de preto-velho, visto haver um desentendimento entre o preto-velho e o exu dele,

<sup>2</sup> Quando retornamos a essa casa uns dois meses depois, a ampliação já tinha sido feita. Consistiu na derrubada de uma parede lateral, aproveitando o espaço de um corredor que passava rente a essa parede, expandindo o barracão ao limites do muro externo do terreno.

ao que ele chamou de “guerra de santo”. Pai Cipriano do Cruzeiro das Almas, que é seu preto-velho e a quem a casa é dedicada, resolveu “dar um freio” no Exu das Sete Encruzilhadas, conhecido de todos por “Seu Sete”, porque, como nos disse mais tarde pai Cipriano, “*ele fala muita besteira pro povo da terra, eu não gosto que fale besteira, quem manda aqui sou eu, não é?*”.

Não demorou muito e foi dado início à sessão.

*Salve o defumador!* Diz o pai-de-santo seguido por seus filhos que repetem.

O pai-de-santo permanece sentado; é o pai-pequeno da casa quem faz a defumação. Defuma os quatro cantos do barracão, a porta, o congá, os filhos-de-santo, que de pé esboçam passos de dança, a assistência, enquanto todos cantam:

*Ô corre gira, pai Ogum os filhos quer se defumar  
Umbanda tem fundamento, é preciso preparar  
Ô com incenso e benjoim, alecrim e alfazema  
Ô defumar filhos-de-fé com as ervas da jurema (bis).*

*Salve a umbanda!* Segue o pai-de-santo com as saudações, sempre respondidas por seus filhos. E todos entusiasmados cantam:

*Ô bendita e louvada seja umbanda, saravá qüendá  
Salve a coroa de Oxalá na umbanda, saravá qüendá  
Salve a umbanda*

*Salve o anjo da guarda! Salve!*<sup>3</sup>

*Oxalá meu pai  
Eu sou filho da virgem Maria (bis)  
Eu tenho uma estrela que me ilumina (bis)  
Estrela é, ô estrela guia (bis)  
Que meu anjo da guarda esteja em minha companhia*

*Salve o tambor!*

*Ô tambor, tambor, tambor, ô vá buscar quem mora longe tambor  
Ô traga aqui neste terreiro tambor, vá buscar quem mora longe tambor  
No congá, no congá.*

*Salve o congá! Salve!*

*Galho de arruda quem me deu foi São José  
Este Congá não treme e nunca tremeu  
Congá que treme na aruanda não é meu .*

---

<sup>3</sup> Infelizmente não conseguimos fazer a transcrição dessa cantiga, pois o registro de áudio estava inteligível.

*Salve Ogum!* Nesse momento, todos os filhos se dirigem ao pai-de-santo e tomam-lhe a bênção, depois trocam de bênção entre si. Aqui, como no candomblé, Ogum tem primazia na homenagem feita aos orixás. Isso por sua característica de ser aquele que abre os caminhos tanto aos demais orixás quanto aos homens.

*Ogum oiá, Ogum oiá é de menê  
Ogum oiá, menê patakori é de menê  
Ogum oiá, Ogum oiá menê  
Ruximucumbe e menê, patakori é de menê*

A Ogum, seguem saudações e cantigas em homenagem a alguns outros orixás: *Obaluaiê*, orixá responsável por espalhar as doenças e a cura delas; ao *inquice*<sup>4</sup> *Kitembo*, a quem geralmente chamam de Tempo, por ser esse o responsável pelas mudanças climáticas, as estações do ano e o tempo enquanto temporalidade; *Xangô*, orixá da justiça e dos trovões, o grande rei dos nagôs e orixá do pai-de-santo; *Iansã*, esposa e companheira de Xangô nas guerras, também tem domínio sobre os mortos; *Oxum*, a esposa preferida de Xangô<sup>5</sup>, deusa da sensualidade e da maternidade; *Iemanjá*, deusa das águas, tomada como a grande mãe dos orixás e *Nanã*, a mais velha das divindades femininas, que tem domínio sobre a morte e a vida.

O pai-de-santo declara um tempo de intervalo. Passados uns vinte minutos, todos retornam ao barracão e, sentado em sua cadeira, o pai-de-santo badala o *adjá*<sup>6</sup>, dizendo: *Adorei as almas!* Ao que os filhos respondem. A cantiga inicia:

*Adorei as almas e as almas me atenderam (bis)  
Eram as santas almas lá do cruzeiro (bis)*

*As almas acenderam o candeeiro, é lá no fundo do mar (bis).*

O Pai-de-santo, sentado em silêncio, sobrepõe uma mão na outra e fica à espera de que pai Cipriano o tome. Segue outra cantiga:

*Bahia, ô África vem cá vem nos ajudar(bis)  
Força baiana, força africana, força divina  
Vem cá, vem cá.*

<sup>4</sup> Inquice é o corresponde banto a orixá na tradição nagô.

<sup>5</sup> Xangô é apresentado na mitologia nagô como ‘mulherengo’, contando ter mais de 200 esposas, sendo três destas orixás: Obá, Iansã e Oxum.

<sup>6</sup> Um tipo de sineta, comumente confeccionada em latão, usada com frequência nos rituais, com função de evocação das divindades.

O pai-de-santo faz um movimento mais brusco e inclina seu corpo para frente; seu semblante diferencia e sua voz não é a mesma. É pai Cipriano quem chegou: “*Bendito seja o Senhor, que a paz de nosso senhor Jesus Cristo esteja em cada coração! Vamos pedir harmonia, felicidade, prosperidade, paz de espírito no coração de seus filhos!*”.

Essas foram as boas-vindas dadas pelo preto-velho ainda na cadeira do pai-de-santo. Os filhos de santo logo se mobilizaram: um trouxe o banco e pôs em sua frente; também seu chapéu de palha e sua bengala encimada pelo entalhe de uma caveira, pai Cipriano a empunha e põe o chapéu na cabeça; com dificuldade e ajudado, senta-se no banco. Uma filha-de-santo traz uma vela e acende aos seus pés. Ele logo a tomou para si e ficou passando a chama pelo corpo. Trouxe também um charuto e um *coeté* com vinho tinto. Pai Cipriano agora canta:

*Eu vou pedir a Deus e os anjos lá do céu (bis)  
Que abram essa gira poderosa São Miguel.*

Uma filha-de-santo lhe traz a tábua que tem seu ponto riscado e põe a seus pés. Acende-lhe outra vela que ele coloca na tábua; traz também um copo de vidro com água. Ele pede uma *pemba*.

As cantigas continuam:  
*Ô vento que balança a folha (bis)  
Ô não balança esse congá.*

E pai Cipriano com a pemba marca os pés com cruces e as mãos com estrelas de cinco pontas.

*Ô Cipriano cortou o pau minha gente, lá na mata da Bahia.*

*Eu adorei as almas no dia de hoje, almas benditas almas, almas de preto-velho.*

*Eu andava perambulando sem ter nada pra comer  
Fui pedir as Santas Almas para vir me socorrer  
Foi as Almas que me ajudou (bis)  
Meu Divino Espírito Santo  
Viva Deus, Nosso Senhor.*

O pai-pequeno também “tomba” e chega pai Joaquim. Os filhos-de-santo correm para atendê-lo tal qual fizeram com pai Cipriano. Pai Joaquim aproxima-se de pai Cipriano

para cumprimentá-lo e logo se acomoda no banco, servido em seus gostos, vinho, cachimbo, vela. Também se marca com a pomba: cruces nas mãos e nos pés.

*Que preto é esse calunga, que chegou agora calunga?  
É pai Joaquim calunga, ele veio de Angola.*

*Eu plantei café de meia, eu plantei canavial  
Café de meia não dá certo sinhá dona  
Canavial cachaça dá.*

Os filhos-de-santo de seus lugares, mulheres à esquerda e homens à direita, já num total de 22 filhos, respondem às saudações, cantam e batem palmas alegremente, esboçando passos de dança, enquanto os pretos-velhos vão chegando.

No final do barracão, uma filha-de-santo vai pra cá, vai pra lá como num desequilíbrio e, finalmente, se deixa tornar pai João Baiano. Então se curva para que os fios-de-conta que traz no pescoço caiam ao chão. Esses logo são recolhidos por uma filha-de-santo. Pai João Baiano segue lentamente em direção a pai Cipriano; saúda-o, também a pai Joaquim e aos ogãs. Toma assento num banco posto ao lado de pai Joaquim. Esse não tem bengala, nem chapéu de palha. A filha-de-santo, que lhe serve com devoção, traz-lhe uma vela, que acende e põe no chão, uma garrafa de cachaça 51 que lhe serve num copo de vidro e um vidro de pimenta malagueta que ele abre e serve-se como aperitivo.

O ogã tira a cantiga:

*Pai Baiano não é do mal  
Ele é vingativo  
Vai buscar teus inimigos, ou morto ou vivo.*

Pai Cipriano troca o coeté de vinho por uma caneca em formato de caveira onde repõe o vinho, vira-se e comenta comigo sobre sua predileção pela imagem de caveira.

*Eu fui ao mar encontrar mamãe sereia  
Encontrei o preto-velho, ô tava sentado na areia  
Sarava meu pai, minha mãe sereia.*

Outra filha-de-santo roda no barracão. É vovó Maria Conga quem chega e vai cumprimentar pai Cipriano como, em toda festa, o convidado deve cumprimentar o dono da casa ao chegar. Trazem-lhe um banco e acendem seu cachimbo.

*Ô Roque! Ô menino danado! Entra pra dentro! Sai da chuva!* Clamava a preta-velha como se cuidando de uma criança! Volta e meia repetia as advertências ao menino!

Mais dois filhos-de-santo, um jovem e uma senhora, se rendem à presença dos pretos-velhos. *Pai Joaquim de Aruanda* e *vovó Cambinda de Angola* saúdam a porta e a pai Cipriano e tomam seus bancos, sendo servidos por outros filhos-de-santo. Duas filhas-de-santo estremeçam, mas não são “tomadas” pelas entidades. Uma delas, que aparenta não estar bem, foi pega pelas mãos do pai Joaquim no pai-pequeno, que lhe pôs o chapéu e pisou um pé. Pai João Baiano lhe pega a outra mão e logo parece passar o mal-estar! Ela volta para o seu lugar.

Os cantos seguem-se uns aos outros incessantemente:

*Lá vem vovó descendo a serra com sua sacola  
É com seu patuá, com a sua urucaia, ela vem de Angola (bis)  
Eu quero ver vovó, eu quero ver  
Se filhos de pemba tem querer.  
No tempo do cativoiro, como o senhor me batia  
Eu chamava por Nossa Senhora, Meu Deus!  
Como as pancadas doíam  
Viva ioiô, Viva iaiá,  
Viva Nossa Senhora, o cativoiro já acabou.*

Pai Cipriano diz a pai Joaquim que não tem vinho e lhe pede de sua garrafa. Esse, resmungando, lhe serve. Depois, pai Cipriano “zoa” de pai Joaquim por esse ter lhe dado vinho, uma vez que o seu estava escondido. Não satisfeito, pouco tempo depois, joga uma pimenta dentro do vinho de pai Joaquim que, vendo, joga de volta em sua caneca. E amigos de tempos imemoriáveis, *foram escravos numa fazenda em Minas Gerais*, como dizem, brincam uns com os outros com muita alegria e intimidade!

Mais uma preta-velha vem ao barracão em uma filha-de-santo! Como todos os demais, lança-se aos cumprimentos; depois se acomoda e é servida.

*Vovó não quer casca de coco no terreiro (bis)  
Que faz lembrar do tempo do cativoiro (bis).*

No barracão, a imaginação leva a uma senzala, velas, fumaças de cachimbos e charutos, mestiços virados pretos e pretas-velhas com seu linguajar do período colonial, pés no chão, simplicidade e humildade de escravos.

Pai Cipriano acena para que os filhos-de-santo se organizem e conduzam a assistência ao atendimento. Logo, adentram o barracão as mães, avós e outras mulheres, levando suas crianças para serem bentas pelos *avós*, como se referem para as crianças. Uma

de cada vez, para cada um dos pretos-velhos presentes, que estavam em número de sete. As crianças são abraçadas e beijadas, bentas, defumadas pelos charutos e cachimbos e outras coisas mais.

Atendidas as crianças, os adultos também têm sua vez. E as cantigas continuam.

*Chorar, chorei*

*Ô Maria conga que vem de Aruanda com seu patuá e não bambeia.*

*Ô abre os meus caminhos areia*

*Ô deixa eu passar*

*Eu sou pequenininho areia*

*Eu sou filho de Iemanjá, areia*

*Areia ô, areia ô.*

*Ô tem areia no fundo do mar*

*Ô tem areia (bis)*

*Ô de baixo da pedra tem areia*

*Tem uma santa ô, se chama sereia*

*Ô areia, ô areia*

*Ô no fundo do mar (bis)*

*Ô areia*

*Tem uma pedra areia*

*O mar é pequeno areia*

*É de iemanjá, ô areia.*

Na casa, é costume que os filhos-de-santo sejam atendidos no final, mas a tia consangüínea do pai-de-santo, uma filha-de-santo da casa, está muito doente com um enfisema pulmonar e pai Cipriano a chama para atendê-la.

Sentam-na numa cadeira à sua frente, Pai Cipriano põe-lhe o chapéu e dá a bengala em sua mão. Debruça-se sobre ela e lhe faz várias cruces com a pemba. O tempo inteiro, reza quase em palavras inaudíveis. Toca-a com a pemba e toca a si mesmo por repetidas vezes como se lhe tirasse o mal e o pusesse sobre si, incessantemente sopra-lhe a fumaça do charuto, mesmo quando a filha tem acessos de tosse. Por minutos a fio, o pai Cipriano combate-lhe o mal. Confiante, ela permanece e, naquela mesma noite, já se sente melhor.

Pai Joaquim também atende a um senhor de idade, que depois dos gestos de limpeza espiritual, pede a uma filha-de-santo que traga papel e caneta para que o senhor tome nota de um *trabalho* que deve ser feito.

Forma-se uma fila na entrada do barracão das pessoas que querem falar com os pretos-velhos ou só lhes tomar a bênção. Os atendimentos continuam e, de longe, observamos o cuidado das entidades, sempre atenciosas e acolhedoras com quem os

procura. Vemos, nos rostos dos que foram atendidos, a leveza de quem confia em ser ajudado em seus problemas e males.

As cantigas seguem, sem uma ordem pré-estabelecida; homenageiam os vários pretos-velhos, seus orixás e suas terras:

*Pai Cipriano vem da sua aldeia e vai trazendo seus orixás (bis)*  
*Cipriano minha gente, lá na roda da Bahia*  
*Ele é da roda Itabuana minha gente*  
*Lá na roda da Bahia eu quero ver*

*Dá uma volta só na calunga, dá um volta só*  
*É da calunga, é da calunga ê.*

*Pai Joaquim êê*  
*Pai Joaquim êá*  
*Pai Joaquim veio da angola*  
*Pai Joaquim é da angola angolá.*

Os filhos-de-santo vão se espremendo pelos cantos, o barracão está cheio. Mas a alegria em cantar, bater palma e cambonar as entidades é vívida.

Pai Cipriano insiste em tomar do vinho de pai Joaquim, alega que, depois que acabar o dele, dará do seu. Ao que pai Joaquim responde com sarcasmo, dirigindo-se a nós: “*quem não conhece esse velho é que o compra!*”, mas cede ante a alegação de pai Cipriano de que “*na senzala tudo se divide*”. Como que ilustrando, passa-me a caneca de vinho.

Dirijo-me ao pai João Baiano, que me cumprimenta e dá uma pimenta pra comer e depois diz: “*você é um filho da puta, tá pensando que eu sou burro? O que você vai pra dá pra eu falar o que você quer saber? Não gosto de dinheiro, gosto de cachaça e de charuto e daqueles bons que não descasca*”. Feito o compromisso do pagamento, pudemos conversar um pouco com ele de nossa pesquisa<sup>7</sup>.

*Eu sou preto-velho beira-rio*  
*Eu sou preto-velho beira-mar*  
*Ele sentado ele trabalha*  
*Ele irá se levantar.*

*Vou chamar Maria Conga pra cozer meu palito, a benção vovó (bis)*  
*Vovó tem saia, não tem palito, a benção vovó (bis)*  
*Maria Conga maravilha de filó (bis).*

<sup>7</sup> Tivemos a oportunidade de entrevistar o pai João Baiano que nos contou de sua história em vida, de sua passagem etc., infelizmente tivemos problemas na gravação dos registros e não pudemos recuperar.

Já passa de quatro horas de sessão, os filhos começam a falar com os pretos-velhos, sendo que a assistência foi quase toda atendida.

Vovó Maria Conga se levanta já para se despedir e, quando fala com pai Cipriano, diz: *“essa menina quer se apagar, não pode deixar!”*, referindo-se às dificuldades por que passa a filha-de-santo. Recomenda que ela deve ser cuidada, naquela casa, por aquele pai-de-santo e, antes de ir-se, deixa o seu recado: *“as almas dá, pra quem sabe merecer”*.

*Ora, o galo não canta onde o pinto não pia.*

*Ô minhas almas venha me ajudar  
As almas do cruzeiro venha me ajuda.*

*Tia Maria cadê Pai Mané  
Tá na mata apanhando café (bis)  
Diga a ele pra quando vier  
Que suba as escadas e não bata com o pé.*

Todos foram atendidos, assistência e filhos. Agora é hora de se despedir. Diz pai Cipriano que é chegada a hora de se irem, uma vez que a missão já foi cumprida. E canta:

*Eu vou pedir a Deus e os anjos lá do céu  
Que fechem essa gira poderosa São Miguel (bis).*

*Gira roda, gira roda  
Vovô vai embora, vovô vai embora  
Vovô vai girar  
Vem sacudir a toalha do seu congá (bis)*

Os pretos e pretas-velhas vão se arrumando para ir embora; os filhos-de-santo recolhem suas coisas, cachimbos, bengalas, chapéus. Eles levantam-se dos bancos, alguns cumprimentam as pessoas, outros vão direto se despedir de pai Cipriano e do Congá. Aos poucos, apoiados pelos filhos-de-santo, num movimento bruto, vão as entidades, ficam os filhos. Atordoados, parece terem sido acordados naquele momento (e é essa a idéia), mas logo se mostram muito bem!

*A benção vovô pára de girar  
Deixa a gira me levar  
Abre a linda toalha rendada  
Para meu pai Oxalá.*

*Vovô já vai, vai pra aruanda  
A benção vovô, você vai pra outra banda.*

Por último, vai pai Cipriano que esperou pela “subida” dos demais pretos-velhos. Sentado como estava, passa as mãos sobre si e, num impulso só, se vai, deixando o pai-de-santo. Esse permanece por um instante sentado, levantando-se em seguida e saúda o congá.

Já voltado para os filhos-de-santo, começa a cantar, saudando a nação Angola:

*Aê aê ô Angola  
Aê aê meu angolá.*

E segue cantando:

*Você diz que é de pemba  
Você diz que é de fé  
Bata a cabeça e peça a Zambi o que quiser.*

Nessa cantiga, os filhos-de-santo trocam de bênçãos entre si.

*Tambor você fica aí  
Porque eu não posso demorar  
Adeus meu tambor  
Adeus meu Congá  
Adeus babalaô e o orixá.*

Neste momento, os tambores são apresentados ao congá e se dão por encerrados os toques.

Agora todos, em círculo e de mãos dadas, cantam o hino da umbanda:

*Refletiu a luz divina  
Em todo seu esplendor  
Vem do reino de Oxalá  
Onde há paz e amor*

*Luz que refletiu na terra  
Luz que refletiu no mar  
Luz que vem lá de aruanda  
Para tudo iluminar*

*Umbanda é paz e amor  
Um mundo cheio de luz  
É força que nos dá vida  
E à grandeza nos conduz*

*Avante filhos-de-fé  
Como a nossa lei não há  
Levando ao mundo inteiro  
A bandeira de Oxalá.*

*Exeuê Babá!* Clama o pai-de-santo ao grande orixá em língua ioruba. É a ele que cabe a última homenagem dentro do culto.

*Oxalá, meu pai, tem pena de nós, tem dó  
Que as voltas do mundo é grande  
Seus poderes são maior*

Os filhos prostrados ao chão reverenciam Oxalá. A esse momento, segue a confraternização; cantando, todos se abraçam: os da casa, da assistência, e também nós.

*Um abraço dado de bom coração  
É mesmo que uma benção  
Uma benção, uma benção.*

O culto, que durou mais de seis horas, termina. Agora é hora de saborear uma bela feijoada.

A nossa intenção no registro dessa sessão, uma gira dedicada aos pretos-velhos, foi oferecer uma visão global do ritual: como se dão as práticas religiosas, como chamar atenção para as relações na hierarquia da casa, das entidades entre si e, sobretudo, a relação dos pretos-velhos com seus “filhos” e “netos” que contam entre os da casa e da assistência, que buscam os serviços mágico-religiosos oferecidos por esses pretos-velhos.

As cantigas presentes do início ao fim do ritual, sendo estruturalmente importantes para o acontecimento desse, embora não façamos uma análise, servem para ilustrar a ideologia religiosa que compõe a umbanda e, em particular, o que caracteriza os pretos velhos – remetendo-nos às origens, aos valores, à intersecção dos campos religiosos (sincretismo) etc.

Ao observarmos o ritual, atentamos ao comentário de Durkheim (1989), de que os ritos se traduzem em regras de como os homens devem se comportar com o sagrado. E sua importância se marca visto que, mais que uma contínua repetição de crenças, um “sistema de signos” pelos quais a fé se traduz para fora, eles se constituem recursos pelos quais a fé se cria e recria periodicamente.

### 3.3-

#### Os pretos-velhos e o campo religioso

Neste tópico, apresentaremos recortes *ipsis litteris* das diversas falas recolhidas em campo acerca dos pretos-velhos. Pais (PS) e filhos-de-santo (FS), pessoas da assistência, ou clientes (C) e, até mesmo, entidades (E) nos revelam nomes, origens, aspectos físicos, costumes, atitudes, feitiços e curas, o lugar dos pretos-velhos na umbanda e na vida das pessoas que os procuram. Queremos reafirmar que estamos utilizando a linguagem nativa<sup>8</sup>, por identificar os sujeitos. É nessa perspectiva que citamos entre nossos informantes as *entidades*, pois, para os adeptos e crentes, há um momento em que não é mais o médium, ou cavalo, que está no ritual, mas as entidades com as quais “trabalham”. Reafirmamos que optamos por coincidir a apresentação dos resultados da pesquisa e a discussão desses, isto é, neste mesmo tópico, apresentaremos nossos achados, acompanhados de nosso diálogo com os autores. Nossa análise se embasa na contribuição de autores das Ciências Sociais e Antropologia, por acreditarmos que estudar o indivíduo, a partir de seu contexto sócio-cultural (e histórico), nos informa sua subjetividade, haja vista compreendermos que objetividade e subjetividade se constroem num processo dialético, como sugerem Berger e Luckman (1985). Travamos ainda um diálogo com Winnicott (1983; 1990; 1997) a partir de seu conceito de “holding”.

De saída, em nossa pesquisa, já pudemos destacar que os pretos-velhos aparecem como personagens importantes no cenário nacional de religiões espiritualistas<sup>9</sup>, sobretudo em relação às religiões afro-brasileiras; registramos suas presenças na umbanda, quimbanda, candomblé de Angola e também no kardecismo, diversidade que se ilustra na fala do informante: *o preto-velho é uma energia do negro africano que veio para o continente do Brasil e que se difundiu entre as religiões (A, PS)*. Embora sua aceitação seja extensa nesse campo religioso, também há rejeição. Observamos que isso causa um mal-estar em quem os cultua. O kardecismo (federativo) prioriza o conhecimento formal, desacreditando que espíritos sem “instrução” tenham o que acrescentar à evolução do humano. Os pretos-velhos, ditos espíritos de negros escravos, portanto, são classificados como atrasados, inaptos como mentores nessa escola espiritual. Já o candomblé, sobretudo

---

<sup>8</sup> A categoria nativo/nativa corresponde para nós à cultura específica de um determinado grupo ou comunidade, a exemplo da religião umbandista.

<sup>9</sup> Qualquer doutrina ocultista ou religiosa que acredita na existência de espíritos imateriais (Cf. Houaiss).

nagô, prioriza a conserva de suas tradições africanas (Rodrigues, 1935; Ramos, 1988; Bastide, 1971 *et al.*), não aceitando entidades que não compartilhem *exclusivamente* desse universo étnico-cultural. Os pretos-velhos, bantos e católicos não são considerados ancestrais, mas tão somente *eguns*, espíritos de mortos e que, como tal, devem ser afastados. Um informante, em tom de reclamação, nos diz:

*Dentro do segmento kardecista o preto-velho é nada mais, nada menos que um espírito atrasado, pela maneira dele falar, dele agir, dele conseguir (...) E pela parte do candomblé, ele já é considerado um egum, mas na verdade o candomblé cultua ancestrais e o preto-velho é nada mais, nada menos que um ancestral, então fica aquele vazio, quem são os pretos velhos? (S, PS).*

Pensamos, neste primeiro momento, que a aceitação da figura do preto-velho, nessas diversas religiões, seja possível, como pensa Sanchis (2001), pelo fato de o conteúdo das diversas manifestações que compõem a religiosidade brasileira se constituir do conjunto de analogias, oposições e complementaridades ativadas, principalmente, à margem das instituições, e que esse conjunto, resultaria em *um campo religioso com componentes mutuamente referidos* (*idem*, p.19). Isso nos serve no entendimento do fenômeno do sincretismo, que examinaremos mais à frente. Entendemos, a partir desse conceito, que o preto-velho se identifica com a variedade de componentes simbólicos presente no entrelaçamento dessas diversas modalidades, permitindo-lhe um trânsito favorável. Também pensamos nessa questão a partir da observação de Brown (1985) acerca da imagem subserviente do preto-velho, apresentado como escravo, subjugado e aculturado à vida brasileira. Não seria vê-lo como escravo, portanto, disponível a todo tipo de trabalho, sem distinção de lugar, ou qualquer outra variante, que lhe traria presente em todas essas modalidades como, de fato, acontecia ao escravo na sociedade brasileira? Quanto à rejeição, tanto kardecistas quanto candomblecistas preocupam-se com a fidelidade às suas “tradições” e seus interesses sócio-políticos. O candomblé nagô feito elite, com decisiva contribuição dos intelectuais (Dantas, 1988), justamente pela “conserva” de suas tradições originais, não deveria se acrescer de signos alheios a sua cultura étnica, senão se tornaria igual aos outros *misturados*, perdendo sua legitimidade. Do mesmo modo, o kardecismo, representado pelas federações, com seus afiliados empenhados no plano nacional de branqueamento (Brown, *idem*) e com larga aceitação na sociedade mais ampla, não poderia igualmente aceitar essas entidades. Para ambos os segmentos, representaria perda de status. Cremos que isso motive a rejeição.

### 3.4-

#### O esboço de uma identidade

Como mencionamos, a primeira caracterização que encontramos do preto-velho foi de escravo-africano que, na senzala, na luta pela sobrevivência, adquire uma sabedoria de vida, que se transmuta para o mundo espiritual. Esses negros vindos da África se tornam pais, avós e tios dos milhares de negros nascidos brasileiros, portanto são tomados no imaginário social como ancestrais, particularmente de etnia banta, e tratados como familiares – aspecto que retomaremos adiante. Contudo, essa ancestralidade diz respeito à formação multirracial do povo brasileiro. Em geral, consideramo-nos descendentes de europeus, negros (escravos) e de índios (nativos). Os pretos-velhos representam essa nossa ancestralidade coletiva negra, como já observara Carneiro (1981). Apresentamos abaixo as falas dos informantes que assinalam essas características:

*O preto-velho pode ter sido um negro, que já foi novo um dia e que se tornou velho dentro de uma senzala e na qual ele passou por bons e maus pedaços e que no decorrer da sua plenitude dentro do mundo dos espíritos ele vem a se desenvolver como uma entidade, que vem a fazer caridade, amor e carinho (A, PS).*

*Os pretos-velhos são na verdade nossos ancestrais, nossos avós, bisavós, tataravós (S, PS).*

*Os pretos-velhos são originários de Angola, de Guiné, de Moçambique, Cambinda e assim vários lugares (A, PS).*

Não obstante, essa ancestralidade africana é também reclamada brasileira. Contam entre os pretos-velhos, aqueles que se dizem nascidos brasileiros, ainda que sejam também de ancestralidade africana. A mudança não se restringe somente à nacionalidade: o preto-velho brasileiro também aparece como mestiço; o que o remete novamente a essa brasilidade. A nossa opinião é que a brasilidade e enbranquecimento tão almejados pela umbanda (Ortiz, 1999; Brown, 1985), com vistas em sua aceitação pela sociedade global, torna-se basilar na religião, ao ponto de se incorporar ao discurso produzido pelas entidades, já que o discurso sagrado soa como incontestável (Bourdieu, 2004). Isso possibilita que se crie a realidade, ainda que restrita ao grupo. Os informantes nos chamam a atenção para estes aspectos:

*Eu sempre nasci aqui no Brasil, eu não fui africano, nasci no Brasil, então sou brasileiro. O [pai João] Baiano também não é africano, ele não é da Bahia, veio de São Luís para a fazenda de Minas; [pai] Joaquim também não é africano, ele não é de Angola, ele é descendente do povo de Angola (PC, E).*

*Eu tive um sonho no qual eu o via; não era um senhor muito velho nem muito negro, ele deveria ser um mestiço. Era um moreno forte, com cabelo grande, era mais um cabelo indígena do que africano. Os olhos também não eram negros, eram meio esverdeados com uma barba grisalha não totalmente branca e era um preto-velho que não ficava muito sentado, ele ficava mais em pé (A, PS).*

Outro aspecto importante para caracterizarmos os pretos-velhos são os nomes que adotam. O nome, como signo que individualiza, distingue cada um dos pretos-velhos. Inicialmente, o nome católico, como eram batizados e registrados, nos batistérios das igrejas, os negros escravos. Esse nome é sempre acompanhado de uma outra designação que, como o sobrenome, identifica origem étnica ou campo de atuação, que coincide com o lugar que habitam, por exemplo: “pai Joaquim de Angola” e “pai Joaquim do Cruzeiro das Almas”. Pusemos intencionalmente o mesmo nome para demonstrar que se trata de dois “pai Joaquim” diversos. Portanto, os nomes por si só não identificam as entidades. Já os “sobrenomes” se referem ou à origem ou à atuação. Nunca encontramos as duas referências juntas (como, “pai Joaquim de Angola do Cruzeiro das Almas”). Quanto ao nome e identidade, ainda ressaltamos dois aspectos: primeiro é que um “pai Joaquim de Angola” encontrado num médium não será representado da mesma forma noutro, considerando essa representação se constituir em relação com a subjetividade do médium, isto é, cada representação se particulariza de acordo com a individualidade de cada médium como cada ator tem uma forma própria de interpretar o mesmo personagem; segundo é que, embora cada representação seja atravessada pela personalidade do médium, os pretos-velhos se distinguem desses, por exemplo, afirmando ter um orixá diverso do médium. Ainda vale observar que, quanto ao comportamento, as diretrizes da casa também dão forma aos pretos-velhos. Os informantes dessa *individualidade* dos pretos-velhos assinalaram até mesmo aspectos corriqueiros, como as preferências alimentares:

*Na verdade eles foram humanos um dia, hoje eles são entidades, mas eles tiveram vida. Então existem várias falanges de pretos-velhos: pai Joaquim, pai Jerônimo, vovó Maria Conga, Cambinda, vovó Rosa, e no qual por incrível que pareça você sendo filho de um Orixá, eles são filhos de outros. Eles falam que são filhos de Ogum ou filhos de Oxossi, eles têm a personalidade própria deles. Eles fogem de todo o conceito, são brincalhões, são sérios quando tem que ser e são bons conselheiros, fazem muita caridade (A, PS).*

*Você encontra o preto-velho da calunga, pai José da calunga, pai Cipriano da calunga, pai José do cruzeiro, pai Cipriano do cruzeiro, você encontra um pai Cipriano da praia; todo canto do mundo está em relação com o preto-velho, ele pega todos os cantos do mundo, como você encontra preto-velho da encruza também (S, PS).*

*Eles variam muito de preto-velho pra preto-velho e de casa para casa, porque há casas em que os pretos-velhos não fumam, não bebem, é uma umbanda mais branca, uma umbanda assim mais pura. Eles são mais mentores. Numa umbanda africanizada, eles já bebem, uns café, outros vinho, outros cachaça, uns gostam de peixe, outros gostam de feijoada e assim há uma variedade de gostos (A, PS).*

*Em cada lugar um preto-velho trabalha de uma maneira diferente, em cada cavalo ou cada médium é um preto-velho diferente. Você pode ir à minha casa ou em outra que tenha o mesmo nome, mas nunca é a mesma coisa, porque a primeira coisa, cada cabeça é uma cabeça, cada um tem um raciocínio. O preto-velho interage dentro de você de uma maneira diferente, na minha cabeça, na sua cabeça, logo ele pode ter o mesmo nome, mas não é o mesmo, porque não tem essa ambigüidade, eles não são ambíguos, são diferentes com nomes iguais, você pode conversar com um pai Joaquim aqui e vai conversar com outro pai Joaquim lá do outro lado (A, PS).*

A diversidade de origens e atuações dos “pretos-velhos” converge à unidade, a partir da visão unânime dos “crentes”, na qual essas entidades são classificadas, sobremaneira, como figuras de amor, bondade, compreensão, perdão e cuidado, tal como costumam ser os pais em relação a seus filhos. Uma vez identificados com as figuras parentais, mais do que com a figura paterna, se pensarmos como proposto por Freud, como severidade e lei, os “pretos-velhos” se assemelham à figura materna, uma vez que suscitam sentimentos de ternura e cuidado àqueles que os procuram, ao modo das mães suficientemente boas, descritas por Winnicott (1990). Acreditamos que essa “maternagem” seja o aspecto fundamental constituinte da identidade dos “pretos-velhos”. Nosso entendimento a esse respeito parte do conceito de “holding” e da “atualização” desse, proposto na teoria winnicottiana. Como mencionamos, o “holding” se refere à “sustentação” física e psicológica do bebê e de seu frágil mundo. É a capacidade da mãe em entender, acolher e atender às necessidades do filho que permite que ele surja como ser (saudável e autêntico). Assim sendo, assinalamos a similaridade no tipo de relação que se estabelece entre os “pretos-velhos” e os “crentes”, de forma que podemos pensar neles como extensão do “ambiente cuidador” original. A exemplo da “mãe suficientemente boa”, os “pretos-velhos” também se revelam “provedores suficientemente bons”. Atualizando o

“holding”, através do “manejo” ou “suporte” social, os “pretos-velhos” captam e atendem as necessidades dos “crentes”, oferecendo-lhes cuidado, acolhimento, carinho, reconhecimento, compreensão e informação, de tal forma que, se estabelece um relacionamento adequado entre cuidador-cuidado, o que é necessário à efetividade do “suporte social”, como lembra Campos (2005).

Embora seja massiva a presença de bebês e crianças para que os “pretos-velhos” rezem ou simplesmente abençoem, por certo não é desta sustentação física momentânea que estamos falando, mas de uma sustentação afetiva do mundo do adulto que, em inúmeras situações, ante às vicissitudes da vida, se vêem fragilizados e desprotegidos como os bebês. Ali, no terreiro e na “gira”, os “pretos-velhos” se revelam representantes do cuidado materno, de forma que, quase na totalidade das vezes, abençoam e abraçam todos, escutam pacientemente e lhes dão palavras de acalento que suscitam o sentimento de segurança. Dispõem-se a ajudá-los, aceitam cada um. Mesmo se cometeram os piores erros, buscam integrá-los através da dinâmica suporte/limite. Essa relação, carregada de afeto, estreita os vínculos, criando um tratamento e modo de relação familiar; o que registramos nos termos carinhosos mutuamente usados, como “vovô”, “vovó”, “meu neto” etc. Essa dimensão de família nos foi reforçada na resposta de um garoto de nove anos de idade que, quando lhe perguntamos quem era o “pai Cipriano das Almas”, prontamente nos disse: *é meu avô, ora! (P, FS)*, numa atitude como se nossa pergunta não procedesse e que aquilo fosse evidente. A espontaneidade na resposta de nosso pequeno informante, que não se valeu de nenhum construto “teológico”, mas tão somente da afetuosa experiência de “colo” vivenciada com a entidade, fez-nos entender que os “pretos-velhos”, antes de qualquer outra classificação, são entendidos e, sobretudo, sentidos como ternos familiares, ou seja, cuidadores-amorosos, daí elegermos sua breve mas completa resposta como título de nosso trabalho.

Pensamos que essa relação de família não seja só uma dispensa afetiva (“caritativa”) por parte dos pretos-velhos mas também uma demanda, como nos ilustra a fala de “pai Cipriano das Almas”: *A alegria de estar vivo que suncê tem, eu não tenho mais, mas eu me sinto vivo quando estou perto de vocês (PC, E)*. O afeto do qual se cercam mutuamente pessoas e entidades é, de fato, confortante e desperta um avivamento tanto nas pessoas quanto nos “pretos-velhos”. O estar junto se traduz, portanto, em estar vivo. Pensamos no

aspecto da mãe sentir-se cuidada pelo bebê. Essa, ao perceber que está suprindo as necessidades de seu filho, sente-se confortada, segura, de modo a se caracterizar em um tipo de cuidado do bebê com a mãe. E é o cuidado adequado estabelecido no *holding* e atualizado no *manejo social* que, movendo o *ser* em direção a seu desenvolvimento, incute o sentimento de que viver “vale a pena”, e eles, os “pretos-velhos”, sentem-se cuidados ao perceberem a eficácia de seus cuidados na vida de seus “netos” e “filhos”, além dos cuidados práticos que estes lhes dispensam (bebida, fumo etc.). Então, essas entidades sentem-se absorvidas por essa vida suscitada nas relações de cuidado (amor).

É nessa relação familiar que os pretos-velhos dão suporte não só afetivo, mas também simbólico, uma vez que, a partir de seus signos religiosos, oferecem uma interpretação cosmológica à busca de sentido surgida na vida cotidiana, como aponta Geertz (1989). Esse autor diz que a religião articula duas dimensões: a do cosmos, relacionada às idéias gerais sobre a ordem; e a de ethos, que corresponde aos valores, disposições morais e estilos de vida. Ele acaba por fundi-las, de forma que, simplificando o cosmos, oferece uma visão de mundo intelectual e emocionalmente convincente, de modo que essas idéias são enraizadas e tornam-se hábitos, valores individuais, que se instituem, renovam e se fortalecem no grupo religioso e que se traduzirão no social. Destacamos ainda que a clientela mais expressiva dos pretos-velhos são as mães com suas crianças e mulheres desejosas de engravidarem. Apontamos então as falas dos informantes que ilustram o tipo de acolhida feita pelos pretos-velhos, esse sentimento de pertença familiar fortemente presente, a sustentação afetiva e simbólica.

*Ele é aquele paizão, aquela mãezona, tudo ele passa a mão na cabeça, ele procura acertar. Você errou e todo mundo sabe que você errou, mas quando chega o preto-velho, ele consegue descobrir o porque tu fez tudo aquilo, ele não tira sua razão. Se você é um assassino, já matou mais de mil pessoas, todo mundo te odeia, mas tu chega para um preto-velho e ele vai te amar e te abraçar. Ele vai compreender porque você faz aqueles atos, entendeu? (S, PS).*

*Cada um tem uma designação, tem as avós, os avôs, tem os tios (...) Os avós são os pretos-velhos que vem numa falange mais velha, mais antiga (...) são na verdade os mais velhos são aqueles que no seu tempo, quando viveram numa senzala, eles eram anciãos mesmo. Depois vem os pais, é aqueles que transmitiam a mensagem daqueles anciãos. Tem uma série de pretas-velhas que se chama tias, estas na verdade, é porque elas eram sem filhos, elas não tinham filhos, poderiam dizer que são virgens praticamente, virgem não porque eram estupradas (S, PS).*

*Quando eu estou numa gira ou quando estou com os pretos-velhos eu estou em casa, com meus familiares (M, C).*

*Existe uma coisa que eu aprendi há muito tempo atrás, a pior coisa do mundo é você aborrecer um preto-velho, porque o que um preto-velho faz é pior do que um Exu, porque ele, devido a mironga, o enredo que ele tem, o conhecimento e a sabedoria dos anos e dos tempos, o que faz com que ele fique uma entidade assim muito forte (A, PS).*

*Muitas vezes uma pessoa grávida chega perto de um preto-velho sem saber o tempo de gravidez e o preto-velho com um pedacinho de linha, um pedacinho de fio, ou às vezes com a própria toalha, mede a barriga e dá o tempo preciso que ela está grávida (...) porque hoje tem ultra-sonografia, mas antes desta o preto-velho já falava: “é menino ou é menina, ou aí tem dois” (S, PS).*

*Minha sobrinha mesmo, que graças a Deus está hoje com 18 anos. A mãe dela teve uma gravidez e perdeu, teve a segunda gravidez, o neném nasceu e logo depois morreu (...) então ela foi até a preta-velha, era a vó Inácia, e pediu às almas que ensinasse como fazer para ela engravidar. A preta-velha com uma sabedoria só dela, através da barriga e de uma série de coisas, deu inclusive o dia que ela poderia ter uma relação sexual para engravidar, certo? E se ela fizesse naquele dia e tal a criança ia nascer e realmente isso foi feito e a minha sobrinha nasceu no dia, local e hora que a preta-velha tinha determinado (S, PS).*

Apontamos ainda o carisma como característica identitária dos pretos-velhos. Eles são tidos pelos crentes como figuras carismáticas que popularizam a casa e atraem clientela. A desenvoltura, ponderação, paciência e delicadeza, o conhecimento ideológico-religioso são alguns dos elementos que compõem esse carisma tão marcado pelos informantes. Nós mesmos tivemos nítida comprovação desse carisma, próprio dos pretos-velhos, quando estivemos com pai Cipriano e lhe falamos de nossa pesquisa que, na ocasião, demonstrou preocupação em desmistificar que as religiões afro-brasileiras são coisas do diabo, como propõe a Igreja Católica e as diversas denominações evangélicas num ato de racismo e intolerância, sobretudo a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, que faz do combate a essas entidades a sua força<sup>10</sup>. Bourdieu (2004) assinala que a base de contestação do profeta é seu carisma pessoal. Os pretos-velhos foram, juntamente com os caboclos, as figuras fundamentais no surgimento e conformação da umbanda. Questionamos se o carisma dos pretos-velhos não fez deles os profetas desta “seita” que surgiu no seio do campo religioso

<sup>10</sup> Cf. Augras (2005) – Umbanda revisitée – Palestra no Colloque Internacional: Roger Bastide: UN BILAN, CAEN, 29/11/05.

brasileiro? Seguem os recortes das falas dos informantes a esse respeito. È importante observar as falas de pai Cipriano que deixam transparecer seu carisma:

*De repente começou de um e passou para três, de três passou para dez, de dez passou para quinze, de quinze passou para vinte e quando eu vi a minha casa estava com vinte consultas por noite, todas as segundas feiras. Aí eu vi quanto esse velho fez na minha vida, como naquele velho ditado: ‘Eu via sempre duas pegadas como se alguém estivesse caminhando ao meu lado e de repente só via uma, e pensava estar abandonado, mas na verdade estava sendo carregado no colo’; em gratidão botei o nome dele em minha casa (A, PS).*

*O preto-velho é uma figura muito carismática, ele consegue juntar as pessoas, eu, por exemplo, comecei a dar consultas numa varandinha e ia aparecendo cada dia mais pessoas, até que cheguei aqui onde estou hoje. Ele é uma figura muito forte em atrair o carinho das pessoas. Ele tem essa luz que brilha através dele e esse carisma muito forte atrai as pessoas (S, PS).*

*Você está fazendo pesquisa, vai perguntar algumas coisas pra nego velho e nego velho vai responder pra suncê, porque é importante pra nego velho passar o que ele pode para você propagar isso, para o povo da terra não pensar que nego velho é o diabo, não é? Se você quer falar com eu, se quer tirar alguma dúvida, né? Então você vai tirar suas dúvidas, eu vou falar o que você precisa, não tem problema não! Nego velho aceita isso, porque nego velho é esperto, instruído e culturado (PC, E).*

*“Eu não consegue falar direito, mas eu sei que tem que fazer propaganda, isso que eu sou, eu sou o preto-velho que não tem cabeça nem perna, mas eu sou feliz em poder ajudar o povo da terra, levar uma palavra de conforto, de caridade, de saúde” (PC, E).*

*“Todo mundo vai conhecer a casa de pai Cipriano, mesmo que seja pequena e humilde, mas a minha energia é o que prevalece dentro desse ambiente onde você se encontra. Com certeza vou levar sempre uma palavra de conforto, de caridade, de alegria para aquele que precisa, porque eu não vivo mais como carne e matéria, mas o meu espírito é eterno. Eu sempre vou viver no coração de vocês e você vai sempre lembrar de mim, eu tenho certeza disso. Você pode ir para onde for, você vai se lembrar de nego velho, porque nego velho foi sincero de coração com suncê!” (PC, E).*

### 3.5-

#### **Princípios e crenças fundamentais**

O tempo, a experiência de vida longa e o entendimento que são entidades que há tempos trabalham no mundo espiritual, colocam-nos como figuras que acumulam muita sabedoria, força, destacando-os na evolução. Observamos que a relação que os pretos-velhos estabelecem com o tempo, se diferencia da nossa. Pai Cipriano nos diz que o

período de tempo que, por vezes, entendemos longo, pode parecer insignificante à realidade dos pretos-velhos. Ele nos reporta, em sua fala, à compreensão judaico-cristã do tempo divino, na qual séculos e, até mesmo, milênios são nada ante a eternidade, que é o tempo incontável e interminável. Nesse exemplo do tempo, a entidade abre uma fenda que distancia a sua realidade da nossa, já que o tempo é uma categoria que norteia o nosso estar no mundo e, como sugere Bourdieu (2004), estabelece assim a ilusão de a esfera do sagrado sobrepor a esfera social. Destacamos esses aspectos na fala dos informantes:

*Como não tiveram muitas reencarnações, foram escravos e de escravos não foram mais nada, eles ficaram como a linha dos pretos-velhos, não teve uma passagem muito grande pela Terra, viveram na época da escravidão e depois não viveram mais, então eles vêm aprendendo. Olha quanto tempo tem isso, quanto não é uma evolução de um preto-velho 1800, 1700 por aí. Olha o ano que a gente está agora, e você vê a evolução. Quanto ele já passou, quantas consultas ele já deu (A, PS).*

*Tendo o conhecimento de causa que eles tem de todas as partes do mundo, não tem uma coisa que preto-velho não conhece, tanto que demonstra uma sabedoria inteligentíssima de trabalhar com os astros (S, PS).*

*Você sabe de 1807 até esse tempo que vocês estão, que eu não sei mais o ano, é muito tempo na terra trabalhando e fazendo com que o povo da terra escute palavra de conforto, não é muito tempo? Então filho olha só quanto tempo eu tenho, o meu tempo é diferente do seu, para mim, só passou alguns segundos, para você já passou muito tempo (PC, E).*

As demandas que se apresentam aos pretos-velhos são as mais diversas, entretanto eles visam sempre ao bem e à paz. Os pretos-velhos são sempre apresentados como símbolo de resignação, bondade e perdão, e isto se torna mesmo a sua designação, missão. Quiçá participem da missão “salvífica” de Deus; é sob o comando de São Miguel que se inscreve, numa cantiga, a missão dessas entidades. Notamos quão marcadamente as “leis de Deus” e a “caridade cristã” inspiram a práxis dos pretos-velhos, eles são agentes do bem: é a palavra de Deus e os ensinamentos de Jesus que eles trazem ao mundo. O que vem ser contrário a essa perspectiva não é responsabilidade deles; é o homem insensato que pede e é quem responderá por seus pedidos. Como já assinalamos, a cultura banta sempre foi tida como de segunda categoria entre os outros grupos religiosos (nagôs e jejes). Isso porque a consideravam muito descaracterizada de suas origens africanas, tendo se apropriado da língua, crenças e signos dos luso-brasileiros, o que deu ares de folclore<sup>11</sup> às suas manifestações religiosas. Os pretos-velhos, como produtos da cultura banta, representam

<sup>11</sup> Fazem parte de nosso folclore nacional diversas manifestações religiosas e de reminiscências religiosas provinda dos bantos: a capoeira, o jongo, o bumba-meu-boi, o tambor-de-crioula, o samba-de-caboclo etc.

isso, no apelo constante que fazem aos símbolos, santos (especialmente os negros), rezas etc. do catolicismo popular. A umbanda se apresenta como campo privilegiado daquilo que Sanchis (2001) denominou *porosidade*, e os pretos-velhos, dentre todos os personagens do panteão umbandista, são aqueles que mais revelam a lancinante presença do catolicismo no interior desse campo. Os informantes sinalizam para estes elementos, como segue:

*Eles [os pretos-velhos] são procurados para vários fins primeiro para ajuda para emprego, para saúde e até alguns tipos de trabalho como trazer o marido de volta, como parar com uma briga dentro de casa, trazer uma filha que está perdida. Existem vários relatos sobre isso no decorrer do tempo a gente ouve muitas conversas sobre o que eles conseguem fazer e agradar ao ser humano, porque na verdade eles vêm na Terra no intuito de trazer paz, de trazer harmonia (A, PS).*

*Eu transformo [os pedidos maus] em bons. Ele me pede pra matar, eu viro a cabeça dele pra ele não pensar nisso (...) eu nunca vou fazer o mal, não importa a quem, preto, branco, amarelo, não importa eu sempre vou reverter isso numa maneira pura, com a sabedoria que eu tenho de muita tempada, vivência (PC, E).*

*Na verdade eles [os pretos-velhos] dizem que Deus existe indiferente das religiões, eles falam que é Zambi ou que não é, eles pregam a palavra de Deus, eles conhecem os anjos e assim há uma mistificação de coisas diferentes de uma cultura que seja uma cultura totalmente africana (A, PS).*

*Eles [os pretos-velhos] acreditam muito em Santo Antônio, São Miguel Arcanjo, que é o padroeiro das almas e a maioria dos pontos cantados são em louvação a São Miguel Arcanjo, que é o que combate o mal que tira toda a injustiça, todas as coisas ruins. Tanto é que São Miguel Arcanjo foi aquele que fere Satã, que pisa nele, destrói; então os pretos-velhos tem essa ligação muito grande. Eles têm uma devoção muito grande a Santo Antônio, São Miguel, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida, estes são os santos mais falados pelos pretos-velhos (A, PS).*

*Ele [Pai Cipriano das Almas] diz que vai pedir a Deus e aos anjos lá do céu que abram a gira dele, que é uma gira poderosa e que pertence a São Miguel. Então é uma gira de expulsão de coisas ruins, de tirar aquela mazela, todas as coisas ruins que venham estar fluindo ou fluidificando naquele momento. As coisas negativas são expulsas porque São Miguel tira a negatividade, ele é o protetor, é o bem feitor que faz as coisas boas, então ele é muito citado (A, PS).*

*São Benedito, que é um santo negro é muito glorificado porque deve ser pelo tipo, não porque São Miguel Arcanjo é branco, mas São Benedito é negro, Santo Antônio é negro e Nossa Senhora Aparecida é negra, logo são os santos negros que são assim mais cultuados por eles, com mais carinho, mais respeito (A, PS).*

Como assinala Brown (1985), embora os pretos-velhos sejam celebrados como a figura africana mais significativa no panteão umbandista, na prática, são os mais subservientes à cultura católica brasileira. Seus personagens bem expressam os negros de

“alma branca” que se destacavam na sociedade global da época. Não negam sua africanidade, ou origem africana, mas é a *boa nova do evangelho*, especialmente “decodificada” por Kardec, que fundamenta o cosmos proposto pela umbanda. Suprimindo seus elementos negros, não só aceitam os valores “brancos” como superiores como também retratam o *ideal de branqueamento*, que era uma preocupação política nacional, “fincando raízes” e “produzindo frutos” no campo da umbanda – a ponto de, no discurso de uma entidade, as resistências à opressão imposta pela escravidão aparecerem como erro por parte dos negros escravos. Eles devem ser resignados e praticarem sempre a caridade com vistas na evolução espiritual. E o processo de evolução reporta à dimensão kármica, de remissão e correção dos erros, pecados. Contudo, mesmo imersos no “ideal cristão”, o que se marcou na fala de Pai Cipriano, quando diz somente fazer o bem e, sob hipótese alguma, o mal, foi que aos pretos-velhos não se exime a possibilidade de fazer o mal. Tanto é possível quanto acontece, ainda que para tanto ele mude de lado e se torne um outro. Estes diferentes aspectos se revelam nas falas dos sujeitos:

*Quando converso com eles, eles dizem que não tem ódio do que eles sofreram do que o sinhozinho da senzala fez com que eles sofressem muito. Eles demoraram a cair na concepção de que eles faziam isso, porque eles tinham que passar por aquilo naquela fase da vida deles, mas que hoje eles são, vamos dizer, espíritos evoluídos que querem trazer uma mensagem de paz, carinho, respeito, amor, e dignidade para qual eles foram designados (A, PS).*

*O preto-velho, ele aprontava, fazia várias coisas. Ele foi novo, foi um escravo que podia ser um escravo fujão, ele podia porque ele não era obrigado a ficar ali, ele tinha que ficar porque o sinhozinho prendia, mas eles fugiam. Eles formavam os quilombos e fizeram muitas besteiras. Existiam muitas guerras entre os sinhozinhos e os quilombolas. Então é por aí, um matou o outro e ficou esse karma, essa lei de causa e efeito, no qual vamos dizer que Deus na sua plenitude e na sua concepção manda que ele vá a Terra e vá pregar uma palavra de conforto, de paz e alegria para que possa evoluir para ser um espírito de luz, para se redimir dos seus pecados (A, PS).*

*Isso é um dos ensinamentos dos pretos-velhos, o que eles fizeram no passado, eles vêm em terra hoje fazendo totalmente o contrário (S, PS).*

*Quando ele [o preto-velho] pula para outra linha, a da quimbanda, aí é para fazer o mal, mas é a pessoa que está procurando, não é ele, é a pessoa que está pedindo a ele. Ele faz o bem, só trabalha para o bem, aí você vem pedir o mal, vai pagar a ele para fazer o mal, ele vai pular para o outro lado para fazer o mal (...) Você pediu, você está pagando a ele, é igual a um exu, exu é um orixá vivo, um orixá bom, se você pedir o bem, ele faz o bem e se você pedir o mal, vai pagar para ele fazer o mal, ele vai fazer o mal, mas é você que está fazendo e é você mais tarde que vai sofrer as conseqüências. Pensas tu que não tem a lei da reencarnação, o retorno (V, A).*

Outro importante aspecto que foi ressaltado é o fato dos pretos-velhos serem identificados como sofredores, semelhante aos muitos que os procuram com seus sofrimentos cotidianos e, por isso, eles os entendem; o que se expressa na fala de um informante ao falar dos pedidos que dirige a essas entidades. Ele diz *pedir muita proteção, para levar muita doença e o preto-velho é um velho sofredor, então ele pratica muito o bem, ele é um velho morto que já vem da senzala, vem do sacrifício, então ele entende o sacrifício da humanidade, ele adivinha* (V, A). Augras (2005) já assinalara a identificação que parece bem estabelecida entre a aflição dos devotos e das almas, no caso de sua pesquisa. Isso se estende à nossa porque os pretos-velhos contam entre essas almas cultuadas em algumas das igrejas e cemitérios do Rio de Janeiro. A autora observa que esta identificação *talvez assegure a estas últimas [as almas] uma clientela maior do que a dos santos, mediadores mais afastados e cuja perfeição dificulta a aproximação* (*idem*, p.57). Vimos essa idéia reforçada ao observarmos a hierarquia do panteão umbandista, na qual as entidades aparecem como o socorro mais próximo e imediato às necessidades dos crentes, seguidos então pelos orixás, pelos santos e, por último, pelo próprio Deus.

Os fundamentos kardecistas impregnam os discursos no campo religioso da umbanda. O que aponta para a observação de Sanchis (2001) de que talvez “espírita” seja uma categoria de identificação mais adequada ao povo brasileiro que a de “católico”. Dentro do espectro dessa doutrina, existe uma infinidade de espíritos desencarnados inseridos num processo contínuo de evolução – existindo, portanto, neste, uma gradação – os pretos-velhos aparecem como uma entidade em constante evolução, sendo os caboclos seus pares nessa perspectiva, o que os diferencia de exu. Pai Cipriano nos mostra chama a atenção que os pretos-velhos que são mais evoluídos são os mais próximos de nós, não os exus como comumente ouvimos falar em campo. Pensamos que essa associação a exu como mais próximo do humano seja por essa entidade ser mais *humanizada* (ou *sombreada*): ele bebe, fuma, fala palavrões e obscenidades, briga, desafia e humilha as pessoas, sugere e faz maldades, separa, rouba, mata etc. Do mesmo modo, pensamos que os pretos-velhos seriam os mais próximos por terem a caridade cristã como princípio fundamental. É por essa caridade que eles nos acolhem com maior prontidão e nos fazem sempre o bem e ainda nos ensinam a querer também o bem. Isso permitiria a evolução espiritual de todos como sugerem as falas dos informantes:

*O preto-velho quanto mais ele faz as coisas boas, mais ele vai evoluindo (A, PS).*

*Eu acho que o caboclo e o preto-velho têm essa transformação, eles vão se desenvolvendo e vão crescendo até chegar o tempo em que o preto-velho não vai existir mais porque cumpriu a missão terrena dele (A, PS).*

*O próprio preto-velho que eu tenho diz que gosta de vir, que já acabou sua missão há muito tempo, ele falou mesmo: “Não preciso mais vir a Terra, já fiz milhares de consultas, só venho porque a casa tem o meu nome e eu tenho que zelar pelo meu nome. Não sou mais obrigado, venho porque gosto de falar com o ser humano” (A, PS).*

*O preto-velho é energia pura, é aquilo mais light, mais leve. O Exu é mais pesado, é mais briguento, ele é desaforado, tanto faz ele fazer o bem como ele fazer o mal, porque nunca vai deixar de ser o que ele é, e o que ele fala que é. É a diferença de um Exu, ele nunca vai chegar num grau máximo, ele vai sempre ser um Exu (A, PS).*

*Nós é diferente, preto-velho é muito diferente porque é puro, a gente tem o conhecimento, a sabedoria, a gente sabe lidar com o ser humano; às vezes vocês fala que o exu é mais perto do ser humano, mas não é não (PC, E).*

É comum as casas de umbanda serem dedicadas aos pretos-velhos. Todavia, mesmo sendo apontados como donos das casas, nem sempre são eles os personagens mais atuantes na dinâmica delas. Exemplo desse aspecto é a fala de um boiadeiro que, numa gira, se dirigiu a nós e disse: *o preto-velho é dono desta casa, mas quem manda nesta porra sou eu* (B, E). Essa impossibilidade de uma maior atuação se relaciona à associação dos pretos-velhos às almas. E, embora sejam fortemente associados às almas, as explicações dadas pelos informantes sobre esse aspecto são sempre insuficientes; não havendo um discernimento claro em relação às outras entidades, que também teriam sido encarnadas, porém não são associadas às almas. Foi pai Cipriano quem nos ofereceu uma explicação adequada à questão. Colocando-a no plano da habitação, os pretos-velhos são associados às almas por habitarem os cemitérios e, por isso, estão em constante contato com elas, aconselhando-as, auxiliando-as e a elas sendo associados. No entanto, essa ressalva em relação aos pretos-velhos como almas, não deixa de nos reportar à angústia em relação à morte, como já observara Augras: *antes de mais nada, falar das almas é falar da morte, e as fórmulas que as chamam não podem deixar de atualizar a angústia existencial* (2005, p.55). Podemos observar estes elementos nos recortes de falas abaixo:

*A casa é dedicada [ao preto-velho], a casa é Centro Umbandista Pai Cipriano das Almas. Porque foi o preto-velho, assim que eu nunca fiz nada por ele, e ele fez tudo por mim. Eu sabia que ele existia, mas no decorrer da minha vida, passei um certo sufoco, uma certa necessidade e aí ele desceu e falou que gostava tanto do seu cavalo, mas ele não dava nem*

*um mingau para ele, não ligava para ele, mas como gostava dele ia ajudá-lo a levar o nome aos quatro cantos do mundo, e foi o que aconteceu (A, PS).*

*A casa é do preto-velho, só que ele não pode fundamentar a casa, então ele precisa de um gerente, o caboclo. Os caboclos são gerentes dos pretos-velhos. O preto-velho funda uma casa, cria uma casa, mas não firma uma casa, porque ele é alma (...) quem firma a casa é um caboclo, quem como no caso da umbanda bota a mão na cabeça dos médiuns é o caboclo, não um preto-velho, porque ele é alma. (S, PS).*

*[O preto-velho] Trabalha dentro da linha das almas, trazendo todas as forças, toda a luz e proteção das almas (S, PS).*

*Então para mim, [os pretos-velhos] são almas, as almas dos escravos, eu vejo como as almas que vieram da África para essa terra, mas que mantiveram com os seus descendentes dentro ou fora da África esse laço, essa troca, esse vínculo (M, A).*

*A associação, que eu digo, às almas, porque foram pessoas encarnadas, que se desencarnaram e se transformaram em almas, espíritos. Este é meu ponto de vista, o que eu acho de espírito, alma vem associado a isso, a ser uma pessoa viva que já morreu e virou alma (A, PS).*

*Então ele [o preto-velho] faz [está presente] em todos os cantos do mundo, por isso que ele tá nas almas, as almas é o que? É reencarnação, a alma é a nossa passagem, que nós somos almas que vivemos numa matéria, uns chamam de espírito, outros chamam de uma série de coisas, entendeu?(...) Então tudo gira em torno das almas, por isso a ligação dos pretos-velhos com as almas, porque ele é simplesmente um professor da vida (S, PS).*

*Nós [os pretos-velhos] vivemos no cruzeiro, então a gente vive dentro da calunga, eles [as outras entidades] não, eles vivem em outro lugar. Mas o nosso plano é sempre o cruzeiro, então nós somos diferentes deles, muito diferente do caboclo que é o espírito de mata, é diferente de um boiadeiro que é um espírito de campina. Nós é espírito das almas, a gente está dentro do cruzeiro, está lidando com todo tipo de alma, então a gente fica mais perto das almas, a gente aconselha aquele que não sabe que morreu, antes dele partir ele passa por lá pelas almas (PC, E).*

Interessante também é o aspecto da adequação da entidade às necessidades do médium tal como as características mestiças que assumem por vezes. E, não só aparecem com características mestiças como, na verdade, se apropriam de características de outras entidades, tornando-se entidades “mestiças”, “traçadas”; o que podemos observar na história de vida de pai Cipriano. Essas “somas” de características sinalizam para os empréstimos reciprocamente criativos que se dão nesse complexo processo de porosidade descrito por Sanchis (2001). Pai Cipriano empresta características ao exu das Sete Encruzilhadas, ao mesmo tempo em que esse empresta características suas ao primeiro. Assim, não cabe aqui a tentativa de definir se, em dado momento, se trata do exu ou do preto-velho, no particular do nosso exemplo, mas que essa rede de entrecruzamentos

permite que essas entidades sejam um e outro ao mesmo tempo: são personagens em contínua reconstrução de papéis e atribuições em vista de atenderem as demandas que lhes chegam. Os sentidos são construídos continuamente, como sugere Castoriadis (1992): o imaginário é uma *criação incessante*. As falas dos sujeitos ilustram nossos apontamentos:

*Pai Joaquim que me desenvolveu antes do Cipriano. Cipriano veio, devido a eu estar preparado psicologicamente para recebê-lo, depois assim mais ou menos de uns dois anos trabalhando com Pai Joaquim, aí sim Pai Cipriano se manifestou e disse que dali pra frente ele é que ficaria no lugar de Pai Joaquim, porque haveria uma necessidade devido à qualidade de santo que eu tinha, devido à vida que eu levava e das pessoas que iriam me procurar. Vamos dizer assim, não que Pai Joaquim não seria mais forte, mas ele seria mais coerente seria mais adaptável ao meio em que eu estava para eu poder fazer o meu trabalho (A, PS).*

*O meu santo é o santo do fogo [Xangô], ele [Pai Cipriano] morreu queimado ele ficou dentro do fogo, sentiu o calor do fogo, por isso ele trabalha nessa linha do fogo, ele gosta muito de funganga que é a pólvora, ele gosta muito de velas, coisas quentes, pimenta, coisas que são ligadas ao calor (A, PS).*

*Ele [pai Cipriano das Almas] aprontou com os senhores da fazenda, fugiu a primeira vez e teve seu pé cortado. Não satisfeito fugiu de novo e lhe cortaram o outro pé. Foi isso o que ele contou, que ficou sem os dois pés, mas pelo menos ficou tranqüilo e disse que não ia trabalhar para ninguém porque estava sem os pés, e não podia se levantar. Ficava o tempo todo na senzala e ficava trançando, fazia chapéus, cachimbos e bebia muito. Quando teve uma rebelião dentro da senzala e os quilombolas vieram e invadiram a fazenda, houve uma contenda, uma guerra e botaram fogo na senzala. Como ele não tinha como correr, porque não andava, ficou preso na senzala e disse que morreu queimado. Como nas senzalas as madeiras eram grandes, quando o fogo pegou, uma delas bateu na cabeça dele e teve o crânio amassado e ele ficou todo deformado. Esta é a história que ele conta, que ele não tem cabeça, que ele pegou uma cabeça emprestada. E com isso ele compactuou com Exu para que pudesse andar; no pacto quando ele precisasse andar haveria uma troca de energia, ele andaria com os pés do exu e assim trocariam informações um com o outro, porque ele sabia muita coisa e o exu dependeria dele e ele do exu. Toda vez que ele se manifesta é sem andar, mas no decorrer do tempo, eu não sei o que acontece ele consegue se locomover e aí já não se sabe se é o próprio preto-velho ou o exu, porque ele muda toda a forma de se manifestar, o seu próprio rir é diferente, o próprio jeito já se torna diferente, aí eu não sei dizer para você realmente se é o preto-velho puro ou se é o preto-velho com o exu (A, PS).*

*Fiz o pacto com Sete Encruzilhadas para poder andar e ele fez com eu. Eu ensinei todas as curas pra ele, de ervas, de folhas, ele conhece tudo e tanto faz lutar como trabalhar, ele me cede a perna e me cede outras coisas que eu não posso contar pra suncê. Mas do jeito que eu sou, sou feliz, porque ele depende mais d'eu do que eu d'ele. De mais coisas ele depende, de vinho, de beber, de fazer as coisas dele e eu só dependo das pernas para andar (PC, E).*

*Quando escurece ele [exu das Sete Encruzilhadas] chega mais perto e aí eu posso andar melhor. Quando chega dia, não ando de jeito nenhum, aí eu não posso levantar de jeito nenhum, mas quando escurece, eu tenho mais força para andar (PC, E)<sup>12</sup>.*

*É que um quer aprender alguma coisa com o outro. Então eles se disfarçam para que eles possam aprender o outro lado da coisa, Então eles fingem, na maioria das vezes, um Exu finge ser um preto-velho para poder enganar a pessoa, engambelar, fazer falcatrúa. Já o preto-velho indo para a linha de Exu, fingindo que é um Exu, vai aprender a magia, o encantamento, vai aprender o segredo do Exu, vai estar disfarçado e nem o próprio Exu vai reconhecer (A, PS).*

*Eles podem ir a qualquer lugar e muitas vezes eles voltam à qualidade de exu, que é justamente para resgatar pessoas que estão perdidas, pessoas que estão em busca só daquela entidade, de fazer o mal, de destruir, fugindo de tudo aquilo que é deixado, segundo eles, pela lei de Deus. Então eles têm facilidade de se desdobrar, eles vão até esse mundo, tanto que nós temos os pretos-velhos quimbandeiros, que são justamente aqueles que se desdobram para dentro dos rituais de magia negra. Eles estão vendo aquilo que está acontecendo e de repente voltam para a umbanda, porque conseguiram ir buscar, ir ver aonde estão os erros humanos, onde está a fraqueza humana e pega aquela sabedoria e traz para dentro do ritual, faz voltar ao cristianismo e faz voltar à doutrina (S, PS).*

A história de pai Cipriano conta de sua relação com o fogo. Encontramos, em campo, o “brincar” com fogo como atitude comum. Os pretos-velhos ficavam passando pelo corpo a chama da vela, passavam nos braços, peito, rosto, pernas; para o zelador da casa onde presenciamos, se caracteriza em certificado da presença das entidades, presença verdadeira, nem sempre encontrada nas casas de umbanda. Esse informante nos passa a impressão de que, no passado, a religião era autêntica e que a modernidade e seus interesses corromperam esse aspecto, coincidindo aí com o pensamento de Bastide (1971). A autenticidade pode ser vista na eficácia do atendimento às pessoas que os procuram, observando-se que é sempre de recursos muito simples que se utilizam os pretos-velhos. Esse caráter de simplicidade dos pretos-velhos fica bem expresso nas palavras no diminutivo, usadas por um informante; o que denota para nós a “insignificância” de seus recursos, sempre destinados a grandes feitos. Observemos as falas dos sujeitos:

*Na concepção que eu tenho é que eles mostram que realmente estão ali presentes, que não estão brincando, que eles estão fazendo a coisa séria e a coisa certa. Há certas coisas que hoje em dia eu não vejo, me desculpe a expressão, mas eu vejo muito espírito fajuto, sabe que não é espírito, eu vejo que não é sabe, é o cara fingindo, e não é legal isso, entendeu? Então a coisa se perdeu muito, a modernidade trouxe coisas boas? Trouxe, mas se perdeu*

<sup>12</sup> Isso nos fez pensar na representação de exu como espírito das trevas, tal como pudemos vê-lo associado, em diversas cantigas, ao diabo cristão, a exemplo desta: “O portão do inferno estremeceu/todos correram para ver quem é/ouviu-se a gargalhada na encruzilhada/ é Tranca-Ruas e o compadre Lúcifer”.

*muita coisa, aquela relíquia, aquela fé, aquele afeto, aquela importância, aquela energia (A, PS).*

*Os trabalhos deles [dos pretos-velhos] não mudam, são arcaicos, são coisas assim primitivas, nos quais você fica até impressionado. Eu vou te relatar o que foi feito, eu vi acontecer, foi um trabalho de preto-velho. Ele fez um trabalho na própria perna dele com uma fita, um pouco de algodão, quatro folhas de algodão, um pó, um pouco de mel e uma vela. Ele fez um negócio num pratinho, fez um tipo de uma perna e não sei se ele rezou ou o que fez e pronto deixou lá e acabou. E hoje ela [a pessoa a quem se destinou o “trabalho”] anda, entendeu? Estranho, mas é verdade (A, PS).*

*[Os pretos-velhos trabalham] Através de feitiços com um dentinho de alho, com uma figazinha de guiné, como uma fitazinha amarrada numa bengala, como o nome escrito no pedacinho de papel e colocado debaixo da vela (S, PS).*

E, embora munidos de instrumentação tão simplória, o que não deixa de retratar o limite de recursos de que se servem as classes subalternas para a solução de seus problemas, o poder dos pretos-velhos ultrapassa a presença física – mesmo à distância eles intervêm em favor dos seus. Um informante nos relata a superação de uma deficiência física da médium. Os pretos-velhos subvertem a ordem estabelecida, passando de impotentes escravos a poderosas entidades; o que sinaliza para as táticas que postula Certeau (1994), ou seja, a apropriação por parte dos “mais fracos” dos bens culturais produzidos pelos “mais fortes”, de modo que remanejam seus usos em favor próprio. Informam os sujeitos:

*Um filho meu que é de Juiz de Fora, o pai dele ia ser operado de câncer e ele [o preto-velho] simplesmente disse que ia fazer a operação junto com o médico. Ele estava aqui com um punhal e com a tábua dele, riscou alguma coisa e começou a fazer os negócios dele e o cara ficou legal, se operou, está bem e não aconteceu nada (A, PS).*

*Também tive uma experiência no meu nascimento, pois foi Pai Joaquim quem fez o parto da minha mãe. Ele pegou uma boneca, uma navalha, um pano branco e começou a operar naquela boneca invisivelmente e fez o parto, eu nasci de cesariana, entendeu? (A, PS).*

*Ilcélia era cega, totalmente cega. Ela perdeu a visão quando no parto de seu filho teve uma crise. Ela poderia trabalhar com toda entidade que ela era cega, ela tinha que ser conduzida pelas pessoas (...) quando ela incorporava a vovó quimbandeira ninguém precisava conduzir. Se você passasse pelo terreiro, eu era criança na época, quando a gente passava e ela estava trabalhando sozinha, ela falava: ‘vem S., vem cá’. Era a característica da preta-velha, quando preta-velha ela enxergava (S, PS).*